

CLASSIFICAÇÃO E USO DO SOLO NO CONTEXTO CULTURAL DOS KAXINAWÁ NA TERRA INDÍGENA KAXINAWÁ DE NOVA OLINDA, FEIJÓ, ACRE

Eufran Ferreira do Amaral¹

Moacir Haverroth²

Nilson Gomes Bardales³

Idésio Luiz Franke⁴

Tadário Kamel de Oliveira⁵

RESUMO

A Terra Indígena Kaxinawá de Nova Olinda (TIKNO) está localizada no Alto Rio Envira, afluente do Rio Tarauacá, na Bacia do Rio Juruá, município de Feijó, Acre. Atualmente, existem quatro aldeias que ocupam uma área de 27 mil hectares. A influência dos Kaxinawá nesse ambiente ocorre de acordo com princípios culturais e há necessidade de reconhecer os recursos disponíveis e a forma como a comunidade age no seu aproveitamento. O objetivo deste trabalho foi analisar os recursos naturais do solo e a dinâmica de uso na Terra Indígena Kaxinawá de Nova Olinda. O levantamento de solos foi realizado em uma escala de 1:100.000 e as principais classes observadas foram Plintossolos e Vertissolos. A topografia, textura e cor são elementos fundamentais na seleção das áreas que serão cultivadas, além da espécie a ser plantada. As decisões de gestão e uso dos recursos naturais na região são tomadas pelos representantes das comunidades, considerando-se especialmente a segurança alimentar das famílias. Apesar de a população estar em crescimento há quase três décadas, a taxa de conversão da floresta em outros usos foi estável no mesmo período, indicando um uso mais racional dos recursos.

Termos para indexação: Amazônia, população indígena, recursos naturais.

¹ Engenheiro-agrônomo, doutor em Ciência do Solo, pesquisador da Embrapa Acre, Rio Branco, AC. eufran.amaral@embrapa.br

² Biólogo, doutor em Saúde Pública, pesquisador da Embrapa Acre, Rio Branco, AC. moacir.haverroth@embrapa.br

³ Engenheiro-agrônomo, doutor em Ciência do Solo, bolsista DCR CNPq/Fapac/Embrapa Acre, Rio Branco, AC. nilsonbard@yahoo.com.br

⁴ Engenheiro-agrônomo, doutor em Desenvolvimento Sustentável, pesquisador da Embrapa Acre, Rio Branco, AC. idesio.franke@embrapa.br

⁵ Engenheiro-agrônomo, doutor em Engenharia Florestal, pesquisador da Embrapa Acre, Rio Branco, AC. tadario.oliveira@embrapa.br

SOIL CLASSIFICATION AND LAND USE IN THE CULTURAL CONTEXT
OF KAXINAWÁ INDIANS IN THE INDIGENOUS LAND OF KAXINAWÁ DE
NOVA OLINDA, MUNICIPALITY OF FEIJÓ, STATE OF ACRE, BRAZIL

ABSTRACT

The indigenous land of Kaxinawá de Nova Olinda (TIKNO – acronym in Portuguese) is located in Alto Rio Envira (upper Envira river), a tributary of the Tarauacá river, in Bacia do Rio Juruá (basin of Juruá river), in municipality of Feijó, state of Acre, Brazil. Currently there are four Indian villages occupying an area of 27 thousand hectares. The influence of Kaxinawá Indians in this environment occurs according to cultural principles, and there is a need to understand the available resources and how the community acts on its use. The objective of this study was to analyze the natural soil resources and the dynamics of indigenous land use in Kaxinawá de Nova Olinda. The soil survey was conducted on a scale of 1:100,000 and the main soil classes evaluated were Plintossolos and Vertissolos. The topography, texture and color are key elements in selecting the areas to be cultivated, besides the species to be planted. Decisions of management and use of natural resources in the region are taken by representatives of communities, especially taking into consideration the household food security. Although the population has been growing for nearly three decades, the rate of conversion of forest to other uses was kept stable in the same period, indicating a more rational use of resources.

Index terms: Amazonia, natural resources, indigenous peoples.

INTRODUÇÃO

A Terra Indígena Kaxinawá de Nova Olinda (TIKNO) está localizada no Alto Rio Envira, afluente do Rio Tarauacá, na Bacia do Rio Juruá, município de Feijó, Acre, no sudoeste da Amazônia brasileira (Figura 1). A TIKNO foi criada pelo Decreto nº 294, de 29 de outubro de 1991, com superfície de pouco mais de 27 mil hectares (FUNAI, 2015). Atualmente, há quatro aldeias: Nova Olinda, Formoso, Boa Vista e Novo Segredo, com população de 492 pessoas (dados primários). A vegetação da área é de Floresta Ombrófila Aberta (53,1%) e Floresta Ombrófila Densa (46,9%) (INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL, 2015).

Além de apresentar considerável diversidade cultural, essa região encontra-se entre as 385 áreas consideradas prioritárias para a conservação, utilização sustentável e repartição dos benefícios da biodiversidade da Amazônia Brasileira (CAPOBIANO; VERÍSSIMO, 2001). Mais da metade do território do Acre é identificada como área de extrema e muito alta importância

para a conservação da diversidade biológica. O ZEE-AC (Zoneamento Ecológico-Econômico do Acre), no seu componente “Indicativos para a conservação da biodiversidade”, assinalou que o estado do Acre também é apontado como região prioritária para levantamentos biológicos e como *hot spot* (áreas de alta ocorrência de espécies) para diversos grupos, em virtude da grande diversidade e de endemismos estritos (ACRE, 2006).

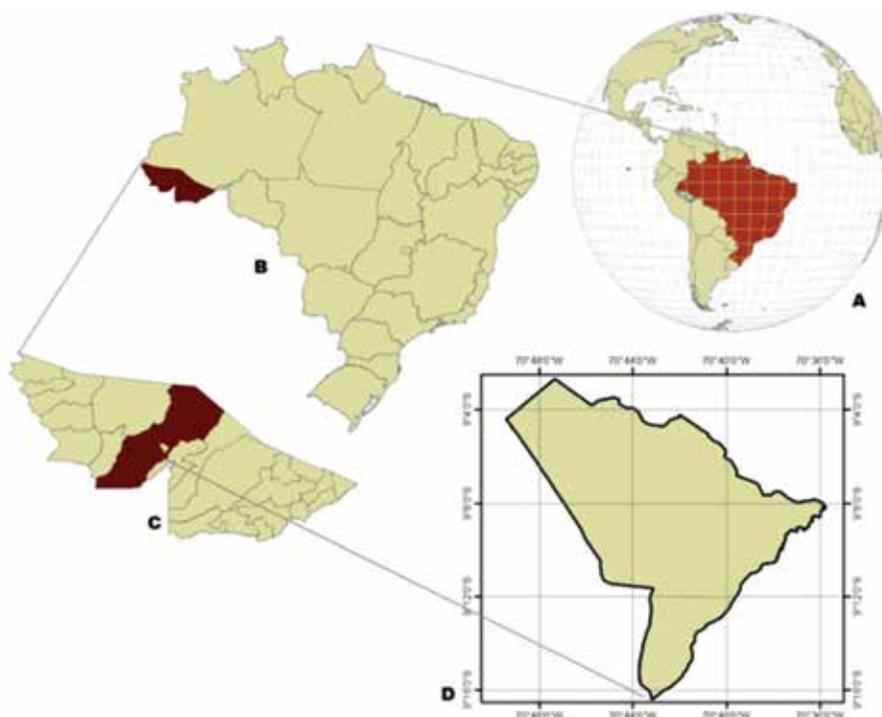


Figura 1. Localização do Brasil na América do Sul (A); localização do Acre no Brasil (B); localização do município de Feijó no estado do Acre (C); e localização da TI Kaxinawá de Nova Olinda, município de Feijó, Acre (D).

Fonte: Acre (2006).

O acesso à TI Kaxinawá de Nova Olinda, desde Rio Branco, AC, é realizado via rodovia BR-364. Entre Rio Branco e a cidade de Feijó, a viagem via BR-364 ocorre em cerca de 4 horas. A BR-364 passou a ser aberta o ano todo a partir de 2011 com o processo de pavimentação, o que tem facilitado

bastante as viagens de campo. Com esse asfaltamento, as viagens podem ser feitas por rodovia durante todo o ano. Da cidade de Feijó até a TIKNO, a viagem é feita pelo Rio Envira. Nesse caso, pode-se viajar o ano todo, mas no inverno há maior facilidade e podem-se usar embarcações maiores, que são de dois tipos: batelão, um barco típico da região, com motor de rabeta a diesel e que permite carga de maior volume, mas que ocasiona viagem que dura 3 dias na subida e 1 dia e meio na descida; ou lancha do tipo voadeira, com motor a gasolina, que garante viagem mais rápida, permitindo chegar à aldeia no mesmo dia, com duração média de 10 horas de subida, mas com baixa capacidade de carga e maior custo.

A comunidade Kaxinawá de Nova Olinda vem procurando se organizar, por meio de uma associação, nos últimos anos, em busca de maior visibilidade e reforço de sua identidade cultural Huni Kuin, já que a população dessa TI se formou a partir de vários núcleos familiares outrora dispersos por antigos seringais da região, bem como de famílias vindas de outros territórios Kaxinawá. Várias iniciativas têm colaborado para isso, como a formação de professores indígenas via Secretaria de Estado de Educação, intercâmbio com outras Terras Indígenas e grupos ligados ao uso da Ayahuasca, bem como projetos de pesquisa e desenvolvimento. Porém, uma área que tem tido papel muito importante nesse caminho tem sido o artesanato por meio do envolvimento de alguns membros da comunidade em projetos de artesanato de encauchado (produção de “couro vegetal” a partir do látex de seringueira – *Hevea brasiliensis*). Esse fenômeno da retomada da “cultura” também foi descrito por Weber (2006) a respeito dos Kaxinawá do Rio Humaitá, também no território do município de Feijó, mas com acesso a partir do Rio Tarauacá na cidade de mesmo nome.

A TIKNO já possui um Plano de Gestão Territorial e Ambiental (PGTI), construído com base no etnozoneamento, o qual está inserido nas políticas públicas do governo do estado e tem sido a base para todos os projetos.

Em suma, a TIKNO caracteriza-se como um território (de)limitado, com população jovem e em crescimento, num contexto de novas tecnologias e maior escolaridade, com poucas possibilidades de renda fora da TI, e um processo de busca pela valorização da própria cultura. Seu território possui alta percentagem de cobertura florestal, com solo relativamente fértil em termos de composição química, porém, com baixa capacidade de retenção

de água e camada superficial de matéria orgânica, o que significa que, se for retirada a floresta, restarão áreas extremamente degradadas.

No contexto da paisagem, tem-se aumentado a importância dada à conservação da floresta e de seus recursos genéticos, bem como a importância de se conhecer essa floresta e seu solo em termos de diversidade, em termos de manejo e em termos de valoração para fins de retorno por serviços ecossistêmicos. Dessa forma, o aumento da produção e diversificação de alimentos, aliado à conservação ambiental, fortalecendo a cultura, é fundamental para garantir segurança e autonomia alimentar, além de criar possibilidades de renda pela venda de excedentes, com possibilidades de captação de recursos por serviços ecossistêmicos de acordo com o Sistema de Incentivo aos Serviços Ambientais (SISA) (ACRE, 2010) do Acre. O objetivo deste trabalho foi analisar os recursos naturais do solo e a dinâmica de uso na Terra Indígena Kaxinawá de Nova Olinda.

OS KAXINAWÁ

Os Kaxinawá pertencem à família linguística Pano. É o povo indígena mais populoso do Acre, com cerca de 4 mil habitantes, representando cerca de 45% do total de indígenas do estado, variando segundo a fonte da informação, e se distribuem em 12 Terras Indígenas, enquanto no Peru ocupam cerca de 30 aldeias ao longo do Rio Curanja e Alto Purus (LEVANTAMENTO..., 2008; IGLESIAS, 2010). A população total dos Kaxinawá é de em torno de 6 mil pessoas, estando a maior parte (cerca de 75%) no lado brasileiro. Os Kaxinawá são um dos povos mais numerosos da família linguística Pano, a qual possui em torno de 30 grupos (CAMARGO; VILLAR, 2013).

Os Kaxinawá se autodenominam Huni Kuin – “gente verdadeira” – e o nome “Kaxinawá”, que significa “gente do morcego” em sua língua, seria uma denominação dada aos Huni Kuin por outros grupos Pano (LEVANTAMENTO..., 2008; IGLESIAS, 2010). Segundo Camargo (2013), *Kuin* seria um termo cujo significado pode variar de acordo com o referente contextual, atentando-se, assim, para uma interpretação de alteridade dimensional (que tem como pressuposto básico que todo homem social interage com outros indivíduos e interdepende deles), que pode ser distanciada (numa visão do outro como inimigo) ou relacionada (que considera o outro

uma aliança). Nesse contexto de alteridade, o *nawá* seria, fundamentalmente, o segundo ou o outro (que pode ser o “branco” ou outro grupo indígena). Vale aqui lembrar que o termo *huni* designa “homem”, ao passo que o grupo adjetival *huni kuin* designa “identidade”, em contraposição a *nauá/nawá*, que remete à “alteridade”⁶.

Reforçando as afirmações de Camargo, acima, encontramos o relato feito em 1925 pelo padre e etnógrafo francês Constant Tastevin, que escreve sobre os *Huni Kuin*. Segundo a narrativa, eles se dividiam em vários clãs, ora aliados, ora inimigos, e essa diversidade de clãs certamente reflete o contexto de referência e contrarreferência entre os grupos, e, ao terem sido questionados por um eventual forasteiro sobre quem eram eles, responderam que eram *Huni Kuin*, pois seria a referência ao seu *self* em contraposição aos outros, que seriam, assim, todos *nawá*.

Da mesma forma, Lagrou (2002) trata da relação entre identidade e alteridade Kaxinawá expressa na arte e nos rituais, nas pinturas corporais, na tecelagem. A autora ressalta a relação entre o “eu” (*huni*, nós, propriamente humanos) e o “outro” (*nawá*, outro, inimigo potencial), a qual não envolve reversibilidade de posições em que sujeito significa agência (ou superioridade) e objeto significa passividade, mas sim uma intersubjetividade em que ambas as posições podem se apresentar como sujeito. Neste caso, aqui, ressalta-se essa concepção que é abordada no dia a dia da comunidade, em que somos todos interdependentes e reconhece-se o outro como diferente, sem nenhum juízo de valor. Dessa forma, apresenta uma ontologia em que todos os seres assumem posição subjetiva, havendo diferença entre o conhecido, que seria o agente propriamente humano (social), e o desconhecido, o agente impróprio e antissocial. Em um nível sociológico, então, o problema é o da afinidade. Ou seja, *huni* sempre se refere ao afim, enquanto *nawá* ao outro, sendo essas categorias intercambiáveis dependendo do referencial. Conforme Lagrou (2002, p. 29),

[...] a prática diária e ritual kaxinawá revela um complexo e dinâmico dualismo que questiona, insistentemente, uma definição substancialista de identidade e de diferença. Por meio de recorrentes inversões de papéis e posições no sistema de nomeação e no ritual, e através dos persistentes

⁶ Comunicação pessoal de E. Camargo para Eufraan Amaral, via mensagem digital, em 28 de maio de 2015.

paradoxos elaborados pelo discurso, a questão da identidade e alteridade aparece como tema central na ontologia kaxinawá. [...]. O intrigante conceito *nawá*, para o qual há variações na maioria desses grupos, é paradigmático da ambigüidade pano com relação à definição de fronteiras entre o “eu” e o “outro”.

A alteridade dimensional é extremamente importante no contexto de uso da terra, uma vez que se expressa nas decisões compartilhadas sobre o uso coletivo dos recursos naturais e na sua percepção de que todos são interdependentes, inclusive o meio que os cerca (rios, igarapés, floresta, animais, solo) numa visão holística e integradora.

RITOS E COSTUMES DOS KAXINAWÁ

Os ritos dos Kaxinawá estão diretamente ligados aos recursos naturais e à biodiversidade conforme as descrições de Tastevin (2009, p. 159) sobre a visão do mundo espiritual:

[...] o Kachinawa acredita na existência de um firmamento que, como um teto, separa o mundo dos espíritos do nosso mundo corrente. A vida dos espíritos é mais ou menos a mesma que a nossa. [...] eles não veem a Divindade, que reside num lugar inacessível aos humanos. Existe no firmamento um grande lago e dentro deste um maguari gigantesco (uma cegonha) que pesca lá como as garças reais pescam nos nossos rios. O seu pé tampa o buraco por onde escapam, como chuva, as águas do céu quando ele voa.

A lua seria uma cabeça cortada que sofreu metamorfose e se transformou em astro das noites. O sol seria uma pessoa animada, é o deus *Inti* dos Incas. Não há uma ideia da criação do céu e da terra, mas este quadro em que nos movemos sempre teria existido. Nesse quadro do mundo, um dia, apareceram dois seres misteriosos, *Inka* e *Kuma*, ambos cegos, e percorriam o mundo tateando e instruindo os homens sobre os objetos da natureza. O *Inka*, ou *Yauchi Kunawa*, seria um ser rico, avarento e sem coração e, numa época longínqua, *Inka* era o único a possuir fogo, mandioca e milho, o que era negado aos Kaxinawá, que passavam fome e frio. Então, os Kaxinawá encarregaram uma pequena arara, de nome *Tchoro*, de pedir um tição (um pedaço de madeira com brasa, incandescente) a *Yauchi Kunawa*, que, depois de algumas passagens, consegue trazer um tição e depositá-lo entre os *Huni Kuin*. *Yauchi Kunawa* enviou uma grande chuva para apagar a chama,

mas milhares de pássaros cobriram a fogueira com as asas, e os Kaxinawá aproveitaram para levar, cada um, um tição aceso, tendo passado, daí em diante, a ter fogo, e aprenderam a fazê-lo (TASTEVIN, 2009).

Entre os Kaxinawá, a maior parte dos mitos de origem ligados a um bem cultural conta como esse bem (ou a arte de produzi-lo) foi dado aos humanos por um animal, mas não um animal qualquer. Esse animal “é huni kuin encantado”. Sendo assim, o *yuxin* que estava nesse animal comunicou aos homens suas qualidades. Não por acaso, foi o esquilo que ensinou ao homem a arte de plantar (sabemos que o esquilo se caracteriza por estocar comida, o que é necessário para plantar). *Yuxin* é a réplica, a imagem mais fiel que existe num ser animado, é espírito ou alma (LAGROU, 1996).

Por esses exemplos, verifica-se que a teoria da representação dos Kaxinawá está ligada ao xamanismo. Yuxindade é uma categoria que sintetiza bem a cosmovisão xamânica dos Kaxinawá, uma visão que não considera o espiritual (*yuxin*) como algo sobrenatural e sobre-humano. O espiritual ou a força vital (*yuxin*) permeia todo fenômeno vivo na terra, nas águas e nos céus. Para os Kaxinawá, a pessoa é formada por carne (ou corpo) e *yuxin*. Os animais e as plantas têm um lado corporal e um lado *yuxin* (LAGROU, 2004). Isso se expressa também na sua percepção do solo, que, para eles, seria *mae*, que significa terra, uma concepção mais abrangente de paisagem e território e de interdependência.

Com relação ao mito de origem dos seus desenhos e do *nixi pae* (ayahuasca, um tipo de bebida), a sucuri foi a responsável por passar os desenhos às mulheres e ensinou aos homens o preparo e as canções do *nixi pae*. A ayahuasca tem o poder de transformação visual e permite ver seres que, normalmente, são invisíveis ou permite ver, na forma de gente, seres que, normalmente, têm identidades visuais diferentes, e é isso que os Kaxinawá procuram quando tomam o *nixi pae* (Lagrou, 1996). O *nixi pae* é bebida preparada a partir de duas espécies nativas amazônicas, *Banisteriopsis* sp. e *Psychotria* sp., que deu origem a diversas correntes religiosas, como o Santo Daime e a União do Vegetal.

Atualmente, na TIKNO, há certa dicotomia entre uma corrente evangélica, introduzida por volta de 2010, marcadamente na Aldeia Nova Olinda, e uma corrente voltada ao fortalecimento dos pajés, da “medicina da floresta” e suas associações com uso e rituais que se utilizam de rapé (*dume*) e *nixi pae*. Podemos afirmar que ambas foram formas que os Kaxinawá

de Nova Olinda buscaram, em anos recentes, para superar problemas com uso de álcool nas aldeias, o que foi conseguido, e uma busca de resgate da ancestralidade cultural, principalmente entre os mais jovens, que já nasceram num contexto de seringal ou de Terra Indígena demarcada.

Os Kaxinawá, ainda hoje, se dividem em duas metades rituais (*Dua*, onça suçuarana, e *Inu*, genérico de onça, ou seja *Panthera* sp.). Idealmente, o casamento deve acontecer entre membros de metades diferentes (WEBER, 2006). Nas apresentações, durante as reuniões de trabalho nas aldeias, geralmente, os integrantes se apresentam dizendo seu nome em Hãtxa Kuin (*Kene Kuin*) e a sua metade, por exemplo, *Inu Bake* ou *Dua Bake*. De certa forma, com a retomada da busca pelo fortalecimento da identidade cultural Kaxinawá nos últimos anos, tanto a língua Hãtxa Kuin como diversas manifestações rituais e culturais, em geral, vêm sendo enfatizadas na TIKNO.

A cosmologia dos Kaxinawá tem se refletido na cadeia de artesanato, nos festivais internos que buscam intercâmbio com “parentes” de outras TIs, na diversidade de uso da terra, na estratégia de manejo dos recursos naturais, na busca por espécies e variedades de plantas consideradas tradicionais e em diversos rituais e festividades mais cotidianos nas aldeias, em que as canções do *Katxanawa* – que pode ser considerado um ritual de fertilidade, conforme Lagrou (2002) – são elementos cada vez mais presentes.

UTILIZAÇÃO DOS RECURSOS NATURAIS: DINÂMICA DO DESMATAMENTO E CLASSES DE SOLOS

No território da TIKNO, existem quatro aldeias: as aldeias Novo Segredo e Nova Olinda ficam na margem esquerda do Rio Envira, enquanto Boa Vista e Formoso, na margem direita. Em virtude da localização das aldeias ao longo do Rio Envira, toda a dinâmica do desmatamento se concentra no entorno das aldeias e, a partir destas, seu alcance é incrementado no sentido perpendicular ao rio.

Em cada aldeia, a comunidade considera a área próxima das casas como área de uso coletivo da comunidade, ou seja, onde os indígenas que ali vivem têm o controle de uso e ocupação exclusivo e independente das decisões das outras comunidades. Aqui, tem-se a relação direta com a alteridade na qual as decisões coletivas se desdobram em ações também individuais, dependendo do contexto de uso que se está abordando. Além dessas áreas imediatamente

ao redor de cada aldeia, existem outros limites territoriais mais abrangentes dentro da Terra Indígena. Nesses limites, o território é dividido em duas grandes áreas de uso, onde as aldeias Nova Olinda e Formoso são aldeias polo e têm o controle das decisões.

As decisões de gestão territorial e para o próprio uso cotidiano dos recursos naturais dessa região são tomadas pelos representantes de cada comunidade considerando sua cosmogênese, consultando ou negociando com os representantes das outras comunidades e tendo como objetivo integrador a segurança alimentar das famílias e o fortalecimento da cultura.

No entorno da aldeia Nova Olinda e da aldeia Formoso é que se concentram as maiores áreas desmatadas contíguas. Em Nova Olinda, ocorrem desmatamentos num raio de 2 km a partir da aldeia, e na aldeia Formoso ocorrem desmatamentos num raio de 2,5 km a partir da aldeia, enquanto nas outras duas, esse raio está com cerca de 1 km (Figura 2), o que enfatiza que a relação de conversão da floresta primária está restrita à proximidade das aldeias e com adequação de cada ambiente para cada tipo de plantio.



Figura 2. Desmatamento, até o ano de 2013, no interior da TI Kaxinawá de Nova Olinda, município de Feijó, Acre.

Fonte: Acre (2015).

Até o ano de 2013, foram convertidos, no interior da TIKNO, cerca de 675 hectares, o que corresponde a 2,6% do território, que, atualmente, são utilizados com áreas de cultivo e vegetação secundária em diferentes idades de regeneração. Cerca de 36% desse desmatamento ocorreu até o ano de 1991, ano de homologação da TIKNO. Dessa forma, 64% da área desmatada atual foi convertida após a homologação, o que evidencia a intensa dinâmica após o reconhecimento do território como de fato e de direito dos indígenas.

Analisando as tendências nos períodos de ocupação, verifica-se que, na década de 1990, a área convertida anualmente era de cerca de 17 hectares, o que evoluiu na década seguinte para cerca de 31 hectares por ano, tendo reduzido significativamente para 22 hectares por ano nos três primeiros anos do ciclo atual. Dessa forma, pode-se inferir que o processo de ocupação inicial foi potencializado por maior conversão na última década do século XX e, na década atual, há maior uso de áreas já convertidas (capoeiras velhas) e menor conversão de floresta primária (Tabela 1), num processo de decisão coletiva e de relação de recursos naturais harmônica e sábia.

Tabela 1. Indicadores do desmatamento na TI Kaxinawá de Nova Olinda, município de Feijó, Acre.

Período	Taxa anual (%)	Desmatamento médio (ha/ano)	Desmatamento por família (Hectares/ano)
1990–1999	0,07	17,3	0,3
2000–2009	0,10	30,6	0,4
2010–2013	0,09	22,4	0,3

Utilizando o número de famílias atual como base e fazendo uma análise histórica para o passado, observa-se que a área, em hectares, utilizada por cada família (0,3 hectares) é similar nesta década e nos anos 90, indicando uso mais racional dos recursos atualmente, uma vez que a população é maior.

Os estudos de solos na TIKNO foram desenvolvidos num processo de diálogo com os próprios Kaxinawá, numa abordagem etnopedológica, na qual os indígenas colaboraram de maneira significativa na construção do modelo pedológico, estruturação do sistema de classificação e identificação das principais tipologias de solos existentes na comunidade.

Nas rodas de conversa, nas quais se dialogou com base na cosmologia, a estratégia de uso da terra se estruturou uma listagem sobre as variáveis utilizadas na classificação local dos solos, na qual os Kaxinawá priorizam nove: forma da terra (*mae betsa betsa pabu*), tipo de barro (*mae huse husipa*), vegetação (*ni*), cor (*ushna*), rachadura (*kexa*), raízes (*tapû*), água (*êpash*), pedra (*mashash*) e massapê (*kaya*), em ordem de importância decrescente.

Essas variáveis foram trabalhadas para estruturar as classes e as relações entre elas, tendo sido, nesse caso, priorizadas quatro variáveis que permitiam estratificar os solos da Terra Indígena e eram de fácil percepção pelos Kaxinawá: ocorrência de massapê, tipo de barro (textura), cor da terra e forma da terra (paisagem), nessa ordem de observação.

As quatro variáveis (ocorrência de massapê, tipo de barro, cor da terra e forma da terra), quando integradas, permitiram classificar nove unidades etnopedológicas, os Etnossolos, distribuídos na Terra Indígena, tendo cada uma delas sido relacionada com uma classe de solo do Sistema Brasileiro de Classificação de Solos.

A Tabela 2 descreve a etnoclassificação para estratificação de ambientes pelos Huni Kuin da TI Kaxinawá de Nova Olinda.

Tabela 2. Etnoclassificação para estratificação de ambientes pelos Huni Kuin da TI Kaxinawá de Nova Olinda, município de Feijó, Acre.

Etnossolo	Conteúdo pedológico (classificação brasileira)	Massapê	Textura	Cor	Paisagem
<i>Mai bena kuru kaya kesha</i> (terra nova arenosa na beira do rio)	Neossolo Flúvico	Sem massapê	Arenosa	Cinza-claro	Margens do Rio Envira sujeitas à deposição anual
<i>Mai kuî tesh kaya</i> (massapê verdadeiro)	Vertissolo	Com massapê	Argilosa	Roxo	Áreas de terra firme altas nos divisores de água

Continua...

Tabela 2. Continuação.

Etnossolo	Conteúdo pedológico (classificação brasileira)	Massapê	Textura	Cor	Paisagem
<i>Mai bena pápa maxia</i> (terra nova com massapê e cinzenta)	Gleissolo	Com massapê	Argilosa	Cinzento	Áreas de influência direta das águas de rios e igarapés
<i>Mai kuí bena kaya</i> (terra nova verdadeira)	Cambissolo	Pode apresentar ou não	Média a argilosa	Meio vermelho	Áreas de terra firme nos vales
<i>Mai bena sese taxipa kaya</i> (terra nova pintada)	Cambissolo Plíntico	Apresenta massapê	Argilosa	Cinza-claro	Áreas de terra firme no topo
<i>Mai bena maxia</i> (terra nova arenosa)	Cambissolo	Sem massapê	Arenosa	Cinza-claro	Áreas de terra firme nos vales
<i>Mai kuí sesea</i> (massapê pintado)	Plintossolo	Com massapê	Média a argilosa	Cinza-claro ou vermelho e branco	Depressões das margens de rios e igarapés
<i>Mai taxipa</i> (terra vermelha)	Luvissolo	Sem massapê	Média	Vermelho	Terra firme mais rebaixada
<i>Mai taxi maxi sese husia</i> (terra com areia e barro vermelho pintado)	Argissolo Vermelho plíntico	Com massapê	Média	Vermelho e branco	Terra firme mais rebaixada
<i>Mai taxi maxi husia</i> (terra com areia e barro vermelho)	Argissolo Vermelho	Sem massapê	Média	Meio vermelho	Terra firme mais rebaixada

O Etnossolo *mai bena kuru kaya keshu*, que é a terra nova arenosa na beira do rio, corresponde aos Neossolos Flúvicos, com textura arenosa a média, distribuída em todo o perfil, sem problemas de drenagem (não apresenta massapê ou, se apresenta, constitui horizonte gleizado em profundidade), de coloração predominante cinza-claro. Esse Etnossolo é de fácil reconhecimento na paisagem (são as áreas de praias) e amplamente utilizado pelos indígenas para os cultivos de verão.

O Etnossolo *mai kuí metxa tesh pâpa pashku keshu*, que é o massapê verdadeiro, corresponde aos Vertissolos com textura argilosa/siltosa e com presença de massapê em todo o perfil com coloração roxa, além de rachaduras no período seco, ocupando as áreas de terra firme nos divisores de água e em grande parte das áreas de transição. Esse Etnossolo é de difícil reconhecimento a campo, pois requer mais esforço de observação, com integração de características que, nesse caso, seriam a cor mais arroxeadada e a posição na paisagem, que o diferencia dos outros solos com problemas de drenagem.

O Etnossolo *mai bena pâpa maxia* (terra nova com massapê e cinzenta) corresponde aos Gleissolos com textura argilosa, presença de massapê e coloração acinzentada no perfil. Ocupa as áreas rebaixadas, próximas aos cursos de água, que permanecem a maior parte do ano com excesso de umidade. Esse Etnossolo é de fácil reconhecimento em campo pela coloração e pelo cheiro característico que exala em virtude das condições de redução a que está submetido.

Os Cambissolos, por sua característica e diversidade, tiveram três grupos de Etnossolos definidos pelos Kaxinawá: os *mai kuí bena kaya* (terra nova verdadeira), os *mai bena sese taxipa kaya* (terra nova pintada) e os *mai bena maxia* (terra nova arenosa). Esses Etnossolos são os mais difíceis de identificar em campo pela sua diversidade de atributos para classificação. De maneira geral, têm coloração mais clara e, entre si, diferenciam-se pela textura, ocupando as áreas de terra firme, enquanto aqueles que apresentam massapê têm uma restrição moderada a alta no que se refere à deficiência de oxigênio devida ao excesso de água no perfil.

O Etnossolo *mai kuí sesea* (massapê pintado) corresponde aos Plintossolos com textura média a argilosa, presença de horizonte plíntico (massapê pintado) e coloração cinza-claro e/ou vermelha e branca, ocupando as áreas de depressões planas, próximas às margens do Rio Envira e dos igarapés.

Os Luvisolos foram enquadrados pelos Kaxinawá como *mai taxipa* (terra vermelha), de fácil reconhecimento no campo pela cor vermelha predominante em todo o perfil e pela sua posição na paisagem. Além disso, possuem textura média/argilosa predominante e não apresentam massapê.

Os Argissolos foram estratificados em dois grupos: *mai taxi maxi sese husia* (terra com areia e barro vermelho pintado), que corresponde ao Argissolo Vermelho plíntico, e *mai taxi maxi husia* (terra com areia e barro vermelho), que corresponde ao Argissolo Vermelho. Os dois ocupam a mesma posição na paisagem em terra firme, mas diferenciam-se pela ocorrência do horizonte plíntico no Argissolo Vermelho plíntico, ambos com argila de atividade alta e distróficos.

A maior extensão do território (47,7% da Terra Indígena) é ocupada (Figura 3) pelo massapê pintado (*mai kuí sesea*). Essas áreas são cultivadas principalmente com banana (*mani*). O massapê verdadeiro (*mai kuí metxa tesh pápa pashku keshá*) ocupa 41,2% da Terra Indígena e é utilizado para roçados anuais, inclusive para o plantio de macaxeira (*atsa*). A terra vermelha (*mai taxipa*) ocupa 7,4% e são áreas pouco utilizadas em virtude da distância das aldeias, mas que têm muito potencial de uso, principalmente agroflorestal. A terra com areia e barro vermelho (*mai taxi maxi sese husia*) é utilizada para roçados, mas, em virtude da distância e da ocorrência dispersa, é pouco utilizada pelos Kaxinawá. Essa unidade ocupa 2,6%. A terra arenosa da beira do rio (*mae bena kuru kaya keshá*) é amplamente utilizada com amendoim (*tama*), melancia (*nixi-barã*), feijão (*yusu*) e jerimum (*maxi barã*). A textura é arenosa, com coloração acinzentada e está situada na margem do Rio Envira. Ocorre ainda uma pequena mancha com menos de 1,0% do território ocupado pelo *mai taxi maxi husia* (terra com areia e barro vermelho), ainda não utilizada pelos Kaxinawá.

Os Kaxinawá, utilizando essas variáveis, construíram a base de uma classificação etnopedológica consistente e prática para servir de base na gestão de seu território, e o mapa etnopedológico da TIKNO traduz sua compreensão espiritual do uso da terra e sua percepção múltipla do recurso solo. Representa um instrumento para intermediar diálogos entre técnicos, indígenas e outros atores importantes na gestão da TI. Além disso, fornece uma visão da complexidade e extensão das unidades de mapeamento no território.

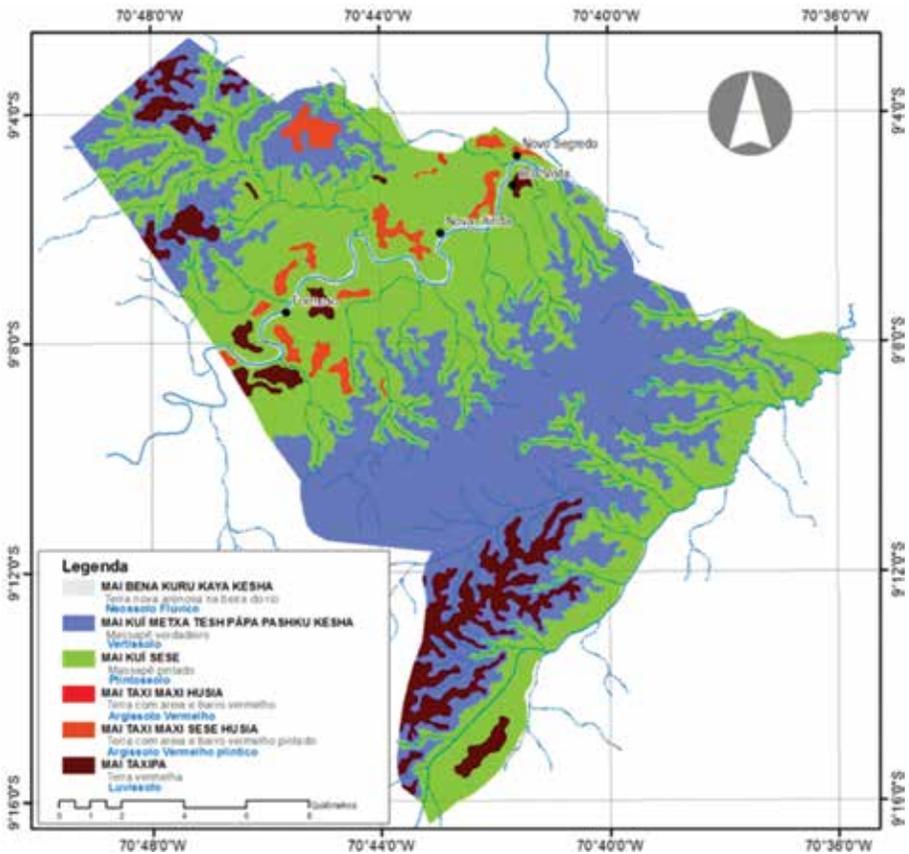


Figura 3. Distribuição dos Etnossolos na TI Kaxinawá de Nova Olinda, município de Feijó, Acre. Mapa especialmente elaborado para o estudo, a partir dos dados levantados.

APRENDENDO COM A FLORESTA A USAR OS RECURSOS NATURAIS: ROÇADOS E CRONOSSEQUÊNCIAS DE USO DA TERRA

Por meio da observação dos participantes, entrevistas semiestruturadas e análise de documentos da Terra Indígena, foi realizado o mapeamento da dinâmica de uso da terra em sistemas de roçados tradicionais em

cronossequência – roçados e capoeiras em diferentes idades. A descrição e análise da realidade do uso da terra e a compreensão dos elementos espirituais e socioculturais inseridos nas quatro aldeias existentes na TIKNO foram fundamentais para a elaboração desta etapa do trabalho.

Os Kaxinawá de Nova Olinda implantam seus cultivos nas praias e barrancos do Rio Envira, nos platôs baixos situados ao longo das margens dos rios (topografia de baixa altitude em relação à paisagem), em terras de meia encosta e nas terras mais altas (topografia de altitude média em relação à paisagem), depois de brocar (cortar a vegetação do estrato inferior) e desmatar a floresta nativa ou capoeira. O corte e derruba da vegetação são realizados em junho e julho, a qual, depois de secar, é queimada em julho/agosto. Depois das primeiras chuvas, em setembro/outubro, começam os plantios, que se estendem até novembro.

A forma da terra (topografia), textura e cor são elementos fundamentais na seleção das áreas que serão cultivadas. A escolha da terra e o local dos plantios estão muito condicionados à espécie que se quer plantar. Algumas são de ciclo rápido, outras de ciclo médio, e algumas são perenes.

Os solos mais argilosos ou de massapê garantem maior perenidade aos plantios. Os indígenas têm observado que as terras de meia encosta e um pouco mais altas são melhores para o plantio. Nos solos mais arenosos, a terra seca mais rapidamente, e dificilmente a roça consegue durar 2 anos. Os solos de textura argilo-arenosa, que apresentam rachaduras “finas”, são os locais preferenciais para os plantios pelos Kaxinawá de Nova Olinda. Áreas sujeitas ao encharcamento não são utilizadas para os cultivos agrícolas.

As terras mais baixas e, portanto, situadas mais próximas às aldeias e às moradias são utilizadas para o plantio de banana, milho (principalmente o massa, uma variedade local) e arroz. Já as terras mais altas são utilizadas, principalmente, para o plantio de mandioca para produção de farinha.

As praias são utilizadas quando os rios começam a baixar, para plantar a melancia, feijão, batata, milho e amendoim, aproveitando a fertilidade deixada pelos sedimentos das águas barrentas do Rio Envira. O plantio é realizado entre maio e junho, e o cultivo se prolonga até novembro.

A base da alimentação é a banana (*Mani*) e a mandioca (*Atsa*). Plantam-se também o cará (*Pua*), taioba (*Kari*), jerimum (*Maxi-Barã*), milho (*Sheki*),

amendoim (*Tama*), urucum (*Mashe*), algodão (*Shopu*), batata (*Kari*), arroz (*Beru Hushu*), feijão (*Yuju*), abacaxi (*Kãkã*), melancia (*Nixi-Barã*) e cana-de-açúcar (*Pua*), pimenta (*Yutxi*) e mamão (*Barã*).

Nas épocas de concentração da colheita, são realizadas festas para comemorar a fartura, confraternizar, realizar ceias coletivas para comer, beber e agradecer aos espíritos pelos alimentos. Nesse momento, a cosmologia se mostra presente e une a diversidade de uso da terra com sua cultura ancestral. São momentos de cantoria, danças, festejos e afastamento de maus espíritos, quando se pintam com tinta de jenipapo e urucum e usam adornos de penas de aves nativas, dentes de animais e sementes de frutos e plantas da vegetação local.

Os alimentos, condimentos ou comida (*Piti*), frutas (*Bimi*) e plantas medicinais (*Dau Xarabu*) estão circunscritos num círculo de vida e representam muito além da satisfação das necessidades de sobrevivência da matéria humana; transcendem as crenças espirituais e religiosas, que se complementam, garantindo a perpetuação de uma cultura ímpar, rica e diversa em um espaço de convivência harmoniosa com o ambiente.

De acordo com o plano de utilização da Terra Indígena, alguns direcionamentos foram estabelecidos em relação à produção agrícola desde 2011 (ACRE, 2011, p. 7):

- i. *Os roçados estão ficando muito distantes das casas devido à criação de gado e porco. Por isso decidiram organizar a criação.*
- ii. *Há um consenso em implantar os roçados e campos nas áreas de capoeiras antigas e evitar derrubar a mata bruta e as matas ciliares nas beiras dos rios, igarapés e lagos.*
- iii. *Decidiu-se produzir espécies que dispensem a necessidade de comprar produtos da cidade como a cana, que produz o “gramixó” (açúcar mascavo), o mel e a rapadura, inclusive com possibilidade de comercializar estes produtos no futuro.*
- iv. *Melhorar a comercialização da produção agrícola em Feijó e Rio Branco. Os principais produtos que despertam interesse da comunidade em comercializar são: banana, mandubim, milho, feijão, arroz, farinha e rapadura. Foram destacados aspectos importantes para melhoria, como armazenamento dos produtos na aldeia, no transporte para a cidade e no sistema de venda.*

- v. *Por fim, incentivar o plantio de frutíferas e sistemas agroflorestais nos roçados, capoeiras, quintais e praias.*

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As principais preocupações quanto aos sistemas produtivos dos Kaxinawá de Nova Olinda estão relacionadas à segurança alimentar e à garantia dos cultivos para perpetuação dos seus costumes, crenças e práticas culturais, uma relação que integra sua cosmologia com a dinâmica de uso da terra.

A gestão do território dos Kaxinawá de Nova Olinda deve ser feita com base no seu conhecimento etnopedológico de maneira a ter um olhar diferenciado sobre a dinâmica de uso e estabelecer o diálogo entre os diferentes atores dessa região, questão que é estratégica para a sobrevivência das comunidades indígenas e de sua cultura.

É vital que o conhecimento construído nesse diálogo seja reproduzido para outras comunidades, especialmente entre os mais jovens, e que os técnicos que atuam com comunidades indígenas tenham a sabedoria de relacionar os rituais e suas crenças com o uso da terra, de forma que promover reflexões a respeito do recurso solo permita uma integração duradoura e sustentada com o ambiente.

REFERÊNCIAS

- ACRE. Governo do Estado do Acre. **Programa Estadual de Zoneamento Ecológico-Econômico do Estado do Acre**. Zoneamento Ecológico-Econômico do Acre Fase II: Documento Síntese: Rio Branco: Sema, 2006. 356 p. Escala 1:250.000.
- ACRE. Secretaria de Estado de Extensão Rural, Assistência Técnica e Produção Familiar (SEAPROF). **Plano de Gestão da Terra Indígena Kaxinawa Nova Olinda**. Rio Branco, 2011. 19 p.
- ACRE. **Sistema Estadual de Incentivos aos Serviços Ambientais**. Rio Branco: Secretaria Estadual de Meio Ambiente, 2010.
- CAMARGO, E. Introdução. In: CAMARGO, E.; VILLAR, D. (Org.). **Huni Kuin Hiwepaunibuki: a história dos caxinauás por eles mesmos**. São Paulo: São Paulo: SESC, 2013. p. 43-47.

CAMARGO, E.; VILLAR, D. (Org.). **Huni Kuin Hiwepaunibuki**: a história dos caxinauás por eles mesmos. São Paulo: SESC, 2013.

CAPOBIANCO, J. P. R.; VERÍSSIMO, A. (Org.). **Biodiversidade na Amazônia Brasileira**. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

FUNAI. **Terras Indígenas**. Disponível em: <<http://www.funai.gov.br/index.php/indios-no-brasil/terras-indigenas>>. Acesso em: 27 maio 2015.

IGLESIAS, M. P. **Os Kaxinawá de Felizardo**: correrias, trabalho e civilização no Alto Juruá. Brasília, DF: Paralelo 15, 2010.

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL (ISA). **Tipos de cobertura vegetal**. <<http://ti.socioambiental.org/pt-br/#!/pt-br/terras-indigenas/3730>>. Acesso em: 27 maio 2015.

LAGROU, E. M. **Kaxinawá**. Povos Indígenas no Brasil, 2004. Disponível em: <<http://pib.socioambiental.org/pt/povo/kaxinawa/394>>. Acesso em: 25 jan. 2011.

LAGROU, E. M. O que nos diz a arte kaxinawa sobre a relação entre identidade e alteridade? **Mana**, v. 8, n. 1, p. 29-61, 2002.

LAGROU, E. M. Xamanismo e representação entre os Kaxinawá. In: LANGDON, E. J. M. (Org.) **Xamanismo no Brasil**: novas perspectivas. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1996. p. 197-231.

LEVANTAMENTO etnoecológico das terras indígenas do Complexo Bacia do Rio Juruá: Kaxinawá da Praia do Carapanã, Kampa do Igarapé Primavera, e Kulina do Igarapé do Pau. Brasília, DF: Funai: PPTAL: GTZ, 2008. (Série Estudos).

TASTEVIN, C. O Rio Muru: seus habitantes, crenças e costumes Kachinawá, 1925. In: CUNHA, M. C. da (Org.). **Tastevin, Parrissier**: fontes sobre os índios e seringueiros do Alto Juruá. Rio de Janeiro: Museu do Índio, 2009. p. 136-171.

WEBER, I. **Um copo de cultura**: os Huni Kuin (Kaxinawá) do Rio Humaitá e a escola. Rio Branco: Edufac, 2006.

Trabalho recebido em 15 de junho de 2015 e aceito em 3 de dezembro de 2015